

RESSALVA

Atendendo solicitação da autora, o texto completo desta tese será disponibilizado somente a partir de 29/09/2030.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO” - CAMPUS DE SÃO PAULO

LEILA ROSA GONÇALVES VERTAMATTI

**ENTRE-SONS, ENTRE-MUNDOS, ENTRE-IDADES
AÇÕES DIALÓGICAS, CULTURA ADOLESCENTE E
EDUCAÇÃO MUSICAL**

São Paulo
Agosto de 201

LEILA ROSA GONÇALVES VERTAMATTI

**ENTRE-SONS, ENTRE-MUNDOS, ENTRE-IDADES
AÇÕES DIALÓGICAS, CULTURA ADOLESCENTE E
EDUCAÇÃO MUSICAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Música.

Orientadora: **Dr^a. Marisa Trench de O. Fonterrada**

São Paulo
Agosto de 2012

Ficha catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da
UNESP

(Fabiana Colares CRB 8/7779)

Vertamatti, Leila Rosa Gonçalves, 1958-
V567e Entre-Sons, Entre-Mundos, Entre-Idades: ações dialógicas, cultura
adolescente e educação musical / Leila Rosa Gonçalves Vertamatti. - São
Paulo, 2012.
233 f. ; il.

Orientador: Profa. Dra. Marisa Trench de Oliveira Fonterrada
Tese (Doutorado em Música) – Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Artes, 2012.

1. Música - educação. 2. Educação - Adolescentes. I. Fonterrada,
Marisa Trench de Oliveira. III. Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Artes. IV. Título

CDD – 780.7

Aos alunos do Colégio São José.

A meu esposo Egídio,
companheiro de todas as horas e
Aos meus filhos, Rafael e Fábio,
com todo meu amor.

Agradecimentos

À Professora Dra, Marisa Fonterrada, minha orientadora, pela presença e apoio, conduzindo-me com competência e carinho.

Aos professores, Dr. Alberto Ikeda, Dr. Jorge de Albuquerque Vieira, Dra. Maria Tereza de Alencar Brito, Dra. Margarete Arroyo, Dra. Neide Esperidião.

À equipe de Direção e Coordenação do Colégio São José pelo apoio e confiança depositado nesse projeto.

Aos alunos do Colégio São José, com quem muito aprendi ao longo dessa caminhada.

À querida amiga Liege Maira Rodriguez, parceira dessa empreitada.

À professora Luzia Aparecida Pozzani Calixto, com quem sempre pude contar.

Aos monitores da Faculdade Paulista de Artes, Eliane Zilda de Souza, Rafael Frias Ângulo Gonçalves e Raquel Leonardi Braga Santos pela colaboração na atividade realizada no Sítio Santo Antonio

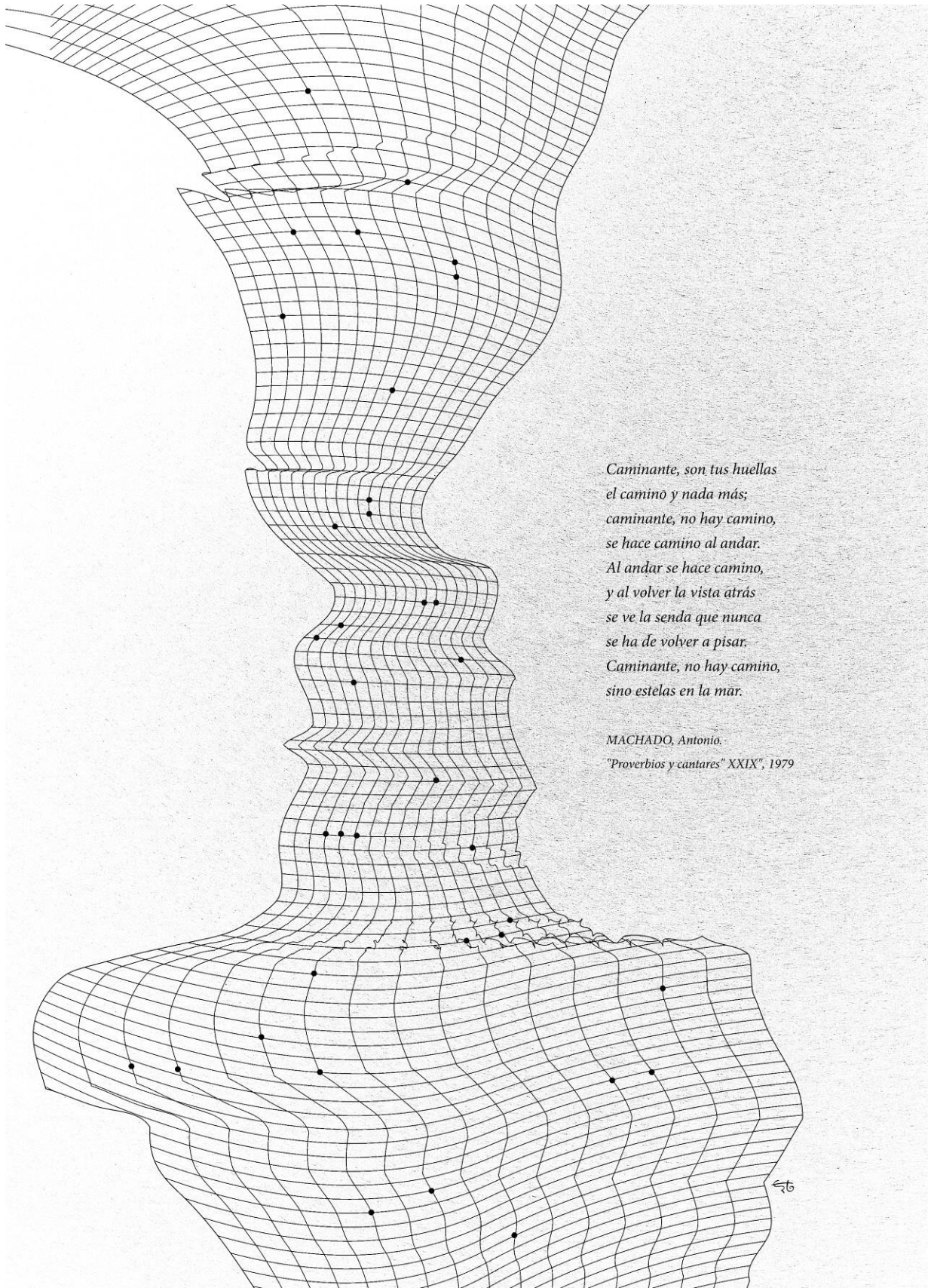
Ao meu filho Rafael Augusto Vertamatti pela criação artística na epígrafe deste trabalho.

Ao meu filho Fábio Rodolfo Vertamatti pelas orientações tecnológicas.

À Maria Aparecida Faria Marcondes, pelo excelente trabalho de revisão.

À amiga Jessica Makino por sua grande amizade.

À minha família pelo seu constante apoio.



*Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante, no hay camino,
sino estelas en la mar.*

*MACHADO, Antonio.
"Proverbios y cantares" XXIX", 1979*

Resumo

O presente trabalho tem como ponto central a reflexão a respeito da prática da Educação Musical de jovens entre 11 e 14 anos, do Colégio São José de São Bernardo do Campo, a partir de uma proposta que dialogue com o universo do adolescente, a invenção, a percepção do ambiente acústico, visual, social e cultural e o contexto escolar. A principal questão da investigação é a discussão de processos de elaboração de ações musicais com base em um conceito de prática que leve em conta a distância existente entre a realidade escolar e a realidade do jovem. Essa discussão leva-nos a refletir a respeito da relação professor /aluno/sociedade e a questionar os modos de ser e compreender desse público, bem como da necessidade de entendimento da cultura adolescente, a fim de que as fronteiras entre escola, música e cultura jovem convivam de maneira dialógica, complexa e criativa. A pesquisa é qualitativa e ampara-se nas definições de Chizzotti e Bauer e Gaskel, pois nela prioriza-se a relação homem-sociedade-educação e se propõe a interpretar os fenômenos que ocorrem nessa relação. O desenvolvimento deste estudo pautou-se na teoria da complexidade aplicada à educação, tal como foi desenvolvida pelo filósofo francês E. Morin, acrescido pela ideia de rede de relações que se sustenta na concepção sistêmica a partir da visão de Capra.. Dada as características deste trabalho que dialoga com diversas áreas do conhecimento, foi necessário buscar subsídios na Antropologia, com Garcia-Canclini, Psicologia e Psicopedagogia com Babin e Kouloumkjan, na Pedagogia com Paulo Freire, nas Artes Visuais com Hungertwasser e nos conceitos e propostas de Educação Musical de H. J. Koelreutter, G. Reibel, M. Schafer e John Paynter. Acredita-se na importância da reflexão, diante da ausência da música na escola, como componente curricular, há 40 anos, ficando as crianças e jovens expostos à estética musical disponível nos meios de comunicação, regidos, em geral, por leis de mercado. Paralelamente, o século XXI vem sofrendo mudanças em ritmo acelerado que nos fazem repensar a educação musical diante das incertezas que nos assolam e refletir a respeito do perfil dos jovens e crianças da atual sociedade. A partir desse estudo é possível conhecer parte da cultura jovem e refletir a respeito da relação professor-aluno.

Palavras-chaves: adolescente, educação musical, cultura jovem, complexidade, sustentabilidade.

Abstract

The present research has as a central point the reflection about the practice of music education with teenagers between 11 and 14 years old of the São José School in São Bernardo do Campo, with the intention of establishing a dialogue with the universe of adolescents, the invention, the social, cultural, visual and acoustic environment's perception, and the educational context. The main question of this study is the discussion process of developing musical action based on a practice concept that considers the distance between the school reality and the youth reality. This discussion leads us to reflect about the relationship between teacher / student / society and question the ways of being and understanding of this students, as well as the need of understanding the teenager culture in order to build a dialogically, complex and creative coexistence between school, music and youth culture. The research is qualitative and it is supported by the definitions of Chizzotti and Dr. Gaskell and Bauer, because it emphasizes the relationship man-society-education and interprets the phenomena that occur in this relationship. The development of this study was based on complexity theory applied to education, as developed by French philosopher E. Morin, plus the idea of network relations that relies on a systems view from the Capra approach. Given the characteristics of this work that dialogue with different areas of knowledge, it was necessary to find subsidies in Anthropology with Garcia-Canclini, in Psychology and Educational Psychology with Kouloumkjan and Babin, in Pedagogy with Paulo Freire, in Visual Arts with Hungertwasser and in music education with the approach and concepts of H. J. Koelreutter, G. Reibel, M. Schafer and John Paynter. It is believed that this reflection is important once facing the absence of music from school, as a curriculum component, for 40 years, letting children and adolescents exposed to musical aesthetics available in the media, guided, in generally, by market goals. Meanwhile, the twenty-first century has been fast changing that make us to think about the musical education facing the contemporary uncertainties and about the profile of young people and children of the present society. From this study it is possible to know part of youth culture and reflect about the teacher-student relationship.

Keywords: teenager, music education, youth culture, complexity, sustainability.

INTRODUÇÃO

Memórias de um Contexto Formador

O início da presente pesquisa foi orientado pelo estudo realizado durante o mestrado. Naquela ocasião, desenvolvi uma série de procedimentos e estratégias para introduzir repertório contemporâneo em um coro de crianças e jovens com qual trabalho ainda hoje: o Grupo CantorIA, que faz parte de um dos projetos permanentes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Educação Musical pela Voz. O estudo, análise e organização do trabalho permitiu que o repertório fosse introduzido com sucesso e mobilizou o interesse, as competências e habilidades necessárias para que o grupo pudesse dar conta da proposta. A maior parte das atividades e procedimentos adotados naquela ocasião requeria imaginação e criação por parte dos cantores e me obrigou a desenvolver uma série de jogos e situações específicas, para que eles dessem conta dos inúmeros desafios que tiveram de enfrentar. Os resultados da pesquisa, além da Dissertação de Mestrado, foram mostrados em uma série de concertos e o trabalho final foi publicado pela Editora da UNESP.

Ao elaborar o projeto de doutorado, pensei em ampliar a experiência do mestrado e transpor a proposta a crianças do 6º, 7º, 8º e 9º ano, do Colégio São José, de São Bernardo do Campo, onde leciono desde 1991. No entanto, a despeito do entusiasmo, ao levar às minhas aulas propostas semelhantes às trabalhadas com o grupo CantorIA, fui surpreendida pela pouca receptividade dos alunos, que não pareciam nem um pouco interessados pelo repertório por mim trazido.

Observei que a transposição da ideia desenvolvida no projeto anterior, para o âmbito da presente escola, apresentou, em alguns momentos, dificuldade e em outros, resistência por parte dos alunos, mostrando que era necessário debruçar-se sobre a própria questão da pesquisa – a introdução de repertório de música contemporânea nas classes em que lecionava –,

avaliá-la em relação ao novo grupo e descobrir um caminho de atuação possível, ou abandoná-la, em função do que fosse realmente procedente para ser aplicado àquele grupo e local de trabalho.

A maior resistência à proposta deu-se com alunos de 7º, 8º e 9º anos, que encontravam dificuldades em lidar com a elaboração de organizações sonoras, principalmente se inseridas em parâmetros contemporâneos.

As primeiras experiências demonstraram que havia obstáculos a transpor, tanto no âmbito musical quanto no pedagógico: os alunos rejeitavam o repertório, se recusavam a participar daquele tipo de sonoridade e não havia diálogo entre a aula de música, tal como proposta por mim, e as práticas musicais em que os alunos se inseriam.

Durante as conversas, por vezes exaltadas, entre a professora e os alunos, a respeito da música e seu ensino, um deles, do 7º ano, fez uma pergunta crucial para este estudo: “Professora, o que veio primeiro? A música ou o CD”?

Essa pergunta tornou evidente que o mundo do aluno desenhava outra história, diferente da traçada por mim e que era preciso conhecer esse mundo para poder dele fazer parte. A pergunta, aparentemente ingênua, revelava o contexto digital, que a era tecnológica oferece ao aluno a partir do seu nascimento e que, apesar de inovadora, o exclui de muitas experiências não convencionais, como é o caso da música chamada “contemporânea”.

A partir da pergunta do jovem, um novo projeto de pesquisa aflorou, em que considerarei mais importante conhecer o aluno em profundidade e estabelecer pontes entre seus gostos, valores, competências e os desta professora/pesquisadora.

Entendi, a partir dessa experiência, que o mundo do professor e o mundo dos alunos não se tocavam, o que tornava a comunicação entre esses dois segmentos deficiente, improdutiva e frustrante. Entendi, também, que deveria partir de mim qualquer iniciativa que me auxiliasse a entender esse público.

Assim, reconheci a necessidade de rever o projeto musical, pois ele não se inseria no discurso daquela comunidade; ao contrário, tinha origem em experiência desenvolvida com outro grupo, com características, costumes e históricos musicais diferentes do eleito para esta pesquisa, o que o tornava inadequado para o grupo.

Em consequência, a pretensão inicial de implantar procedimentos criativos de maneira sistemática aos alunos deu lugar a outra proposta, fundada no pensamento de que o foco da pesquisa deveria dirigir-se à reflexão a respeito de os mundos do professor e do aluno distarem enormemente um do outro e de que seria imprescindível, em primeiro lugar, tecer pontes entre esses contextos para que um trabalho de qualquer natureza pudesse ser realizado. Percebi que esse objetivo só seria alcançado a partir do conhecimento, estudo e da compreensão do universo jovem.

Paralelamente às experiências desenvolvidas, outro elemento contribuiu para fortalecer essa maneira de ver a questão – o depoimento informal de vários professores de música, em suas aulas para adolescentes, que pareciam passar pelos mesmos problemas daqueles enfrentados por mim. As duas situações relatadas me motivaram a debruçar sobre a questão da relação professor/aluno e a questionar os modos de ser e compreender desse público, assim como entender a cultura adolescente e a me aproximar de seus modos de atuar, sentir e pensar. A partir dessa reflexão, busquei a compreensão do fenômeno jovem e de suas relações com o mundo, com o intuito de estabelecer comunicação fluente entre professor e aluno, de maneira que houvesse transformações significativas no comportamento de ambos, para que esses dois mundos se compreendessem, se respeitassem e se aproximassem um do outro.

Simultaneamente ao estudo da cultura jovem e da minha aproximação de seus gostos e práticas musicais, procurava dialogar com os alunos em todas as oportunidades que surgiam – durante o intervalo, após o término das aulas, durante algumas celebrações promovidas pela escola. Aprendi muito com essas conversas, às vezes curtas e outras, bem demoradas. Comecei a analisar de maneira cuidadosa a diferença que existia entre o comportamento que os alunos apresentavam em sala de aula e fora dela, a maneira de falar, as carências que expunham, a necessidade avassaladora que tinham de serem ouvidos e a maneira pela qual julgavam a si mesmos e aos outros.

Na busca pela compreensão da cultura adolescente, descobri de maneira surpreendente que a questão era mais ampla do que imaginava. Não era somente a aula de música que estava sendo discutida e refletida, tão pouco se tratava apenas de tecer pontes entre a cultura do jovem e a do professor. Esses aspectos são de fundamental relevância e foram tratados cuidadosamente neste estudo, mas o que estava sendo questionado, e que ficava evidente na conduta dos alunos quando tinham a oportunidade de se manifestarem

fora do contexto escolar, era o próprio sistema de ensino. O Colégio São José, como a quase totalidade das escolas públicas e particulares da região e do Estado está inserido em um sistema de ensino tradicional, em que as disciplinas são divididas de acordo com o currículo nacional, as crianças e jovens são agrupados por idade e seus conhecimentos, avaliados mediante provas realizadas em dias e horários pré-fixados.

Observei, ainda, que durante essa etapa da pesquisa, algumas das atividades que eu propunha nas aulas de música não obtiveram sucesso; no entanto, outras se mostravam ricas e produtivas. Comparando os resultados de ambas, percebi que as que alcançavam êxito fugiam aos padrões do sistema imposto pela escola, como será relatado na última parte desta tese.

EM-FIM...INCONCLUSÕES

Ao final desse trabalho, que está sendo interrompido unicamente pelo motivo do tempo exigido para se cumprir a pesquisa, pois ele é infindável, chega-se a estas considerações e “inconclusões”.

Foi um longo trajeto que se fez a partir de várias hipóteses, de infindáveis questionamentos, inúmeras reflexões e incansáveis estudos. Movida pelos conflitos travados no início do trabalho, a pesquisa acabou transformando a vida desta pesquisadora. Como poderia aquele jovem, com uma única pergunta – “quem surgiu primeiro, a música ou o CD?” saber que estava sendo um mestre àquele momento, fazendo desvelar o que a cegueira de pré-concepções não deixava ver?

Daqueles dias difíceis de compreender o todo e as partes, em virtude de uma visão precária a respeito de relações, chegou-se, hoje a um organismo caracterizado pela cumplicidade e pelo fazer em grupo.

Não se pretende passar a ideia de um conto de fadas com final feliz. As dificuldades continuam existindo. No entanto, há diálogo e, por isso, possibilidade de negociação. Dessa conduta, surgem retornos surpreendentes como foi, no mês que antecedeu a entrega deste material. O fato de os alunos de 9º ano, mesmo com provas marcadas para o dia seguinte, de matérias consideradas “de peso” no currículo, prontificarem-se a gravar seus trabalhos em horário oposto ao escolar. Durante a semana, um a um, os grupos da classe, cientes da importância de sua participação para a investigação conduzida por esta pesquisadora, por mais de uma hora, trabalharam para que a gravação de suas composições musicais fosse possível. Diálogo? Negociação? Colaboração, talvez seja a palavra adequada. É da colaboração que surge o comprometimento e a vontade de continuar caminhando.

Música ou CD? Antes houvesse mais perguntas, como esta, que desestruturassem processos de pensamento e impulsionassem reflexões.

O mundo do adolescente é outro? Sim, é! Assim como o do infantil, do adulto e do idoso. Problema? Depende. Incertezas? Muitas. Cada etapa da vida se faz do que se tem

disponível para vivê-la e do que se busca para compreendê-la. O adolescente tem suas necessidades, assim como o professor.

No entanto, frequentemente, julga-se sábio aquele que mais tempo existiu – o professor. A procura pelo entendimento é dele. Não há que se pensar em fusão, mas em coexistência, em parceria e, por isso, a concepção de “comunidade de aprendizes” se faz tão necessária nos dias de hoje. Esta tem sido a grande hipótese, o objetivo, a metodologia, o recurso e a estratégia desta pesquisadora. Como, também, sua filosofia de estar neste mundo e com ele. Trata-se, na verdade, de um pensamento muito simples, tão simples que se torna difícil de ser compreendido.

Professor e aluno têm sabedorias diferentes que, se combinadas, geram uma terceira, quarta, quinta, infinitas sabedorias. Sabedorias de “existires”, de “pensares”, que se entrelaçam na trama que é a vida.

Alguns poemas foram expressivos durante a caminhada, mas dois deles adquiriram sentido quase sagrado, quase uma catarse, purificando os momentos de caos e de crise de pensamentos. “*Caminante, no hay camino, se hace camino al andar* (MACHADO, 1979) e Na véspera de não partir nunca / Ao menos não há que arrumar malas” (FERNANDO PESSOA, 1934), simbolizam o percurso desta pesquisa, que se transformou na busca da pesquisadora pela maneira de ver os fenômenos. Quanto mais o caminho estiver traçado, mais distante se torna o destino, quanto mais planejada a viagem, mais pesada será a bagagem.

O homem está em constante transição. Como diz Paulo Freire (2005 a p.83), os homens “estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade que, sendo histórica também é igualmente inacabada”. Não há como escapar ao movimento constante dos pensamentos, de conhecimentos, de verdades e não verdades. A educação é isso, se faz na transitoriedade para o futuro, em que as coisas estão sempre sendo transformadas. Lembrando Capra (2005, p. 30), o dejetos de um se transforma em alimento do outro. Nada é descartável; o erro, a incerteza, o conflito, a insegurança, o sucesso, servem para gerar algo novo, por vezes, ou frequentemente, não imaginado, que, por sua vez, levará a outros pensamentos, outras incertezas. Entretanto, é preciso abraçar a coexistência de existências, a pluralidade de percepções de um mesmo fenômeno. Como disse Canclini (2008, p.20), as avenidas de acesso são várias e não importa por qual delas se optou para chegar à cidade. Se houvesse um único caminho, provavelmente, não seria suficiente para atender a

toda população. Mesmo assim, pode-se transitar por essa avenida, de carro, a pé, de bicicleta. As variáveis são muitas e sempre carregarão o seu aspecto positivo e negativo. Pode-se optar por ir de bicicleta e, durante a viagem, enfrentar uma tempestade. Por outro lado, o trajeto de carro impedirá desfrutar a paisagem da estrada, que por sua vez, pode ser ou não agradável. Todas as coisas da vida, da mais simples a mais complexa, trazem intrínseca a questão da ambivalência. É preciso aprender, a saber, que sempre há mais de uma possibilidade de se olhar um problema. Por isso as interpretações mudam e devem mudar.

O professor, da mesma forma, tem necessidade de incorporar pluralidade de possibilidades em sua conduta, para perceber os fenômenos e conceber situações. A reflexão a respeito da prática – tão pregada pelas escolas de abordagem alternativa estudadas neste estudo – se faz necessária para que o professor não se torne um “rinoceronte na sala de aula” (Schafer, 1991, p.277). Para isso, precisa estar aberto ao novo, ao desconhecido, ao incerto. “Caminhamos construindo uma itinerância que se desenvolve entre a errância e o resultado, muitas vezes incerto e inesperado, de nossas estratégias. A incerteza nos acompanha e a esperança nos impulsiona” (MORIN, 2009, p. 99). A reflexão a respeito da prática, portanto, está em primeiro lugar e o reconhecimento do incerto, em segundo, ambos ferramentas necessárias para a educação.

Contudo, esta reflexão exige a humildade de se reconhecer que o conhecimento presente não é suficiente para dar conta dos problemas do ensino e da aprendizagem. Mais do que isso, é preciso coragem para reconhecer que, mesmo após passar meses pesquisando, noites planejando, o erro estará sempre presente e que a falha é uma possibilidade. Aliás, são eles – o erro e as falhas - os responsáveis pelas mudanças, pelas alterações de percursos, pela descoberta de caminhos, pelo pensar diferente do anteriormente esperado. Que desculpem aqueles que estão em seus pedestais, mas não é errado, nem vergonhoso “errar”. Dividir a dificuldade com a equipe ou com o grupo pode trazer um olhar diferente para a situação. Mais ainda, dividir o “fracasso” com o próprio aluno, é sinal de parceria crítica, consciente e corajosa. Foi a partir do diálogo entre professor e aluno que as soluções apareceram nesta pesquisa. Da conversa fora da sala de aula, amizades se travaram.

O diálogo entre professor e aluno foi uma constante nas abordagens alternativas estudadas. O professor deixa de ser o que transmite para ser o que joga junto, por isso, capaz de ver no aluno o mestre de suas decisões. O percurso desta investigação revelou que esse tipo de conduta é o que leva o aluno a se envolver e participar das atividades musicais, imprimindo

nelas sua maneira de conceber, de ver, de selecionar, enfrentar e solucionar os desafios. A autonomia requer responsabilidade que, aos poucos, é trabalhada, a partir de propostas que ofereçam ao aluno a oportunidade de expor suas ideias e seus pensamentos. Pôde-se comprovar nas aulas de música aqui parcialmente relatadas, quanto o aluno contribuiu para os resultados alcançados, de um trabalho sensível e crítico. Muitas propostas elaboradas, percebidas como finitas, adquiriram dimensões enormes, a partir da percepção do aluno.

O adolescente sempre foi o centro de todas as preocupações desta pesquisadora. O estudo e conhecimento de seus gostos e preferências elucidaram várias questões a respeito de atitudes e comportamentos dos jovens, proporcionando, de maneira perceptível, a aproximação de ambos. O primeiro sinal se deu ao saber quais eram os cantores preferidos dos alunos. Foram as “chaves de escuta” que o professor precisava para iniciar uma conversa com os jovens. Alguns deles chegaram, semanalmente, a perguntar qual o ponto de vista do professor em relação às bandas e cantores que gostavam.

Uma questão fundamental para este estudo mostrou-se na elaboração de projetos e atividades que fugiram da rotina diária de aula e ampliaram-se para outros espaços. Foi o caso da atividade do corredor dos sentidos, que acabou por se transformar no projeto de percepção de paisagem sonora e visual do 6o ano, e que conseguiu, pela primeira vez, autorização e apoio da direção para os alunos passarem um fim de semana na escola, com as professoras de artes visuais e música, desenvolvendo atividades relacionadas às duas linguagens. Atualmente, esse projeto estendeu-se ao sítio de propriedade do colégio, envolveu alguns pais e foi incorporado ao calendário anual. Essas são provas vigorosas de que a ação, por vezes, audaciosa, do professor encontra voz na equipe escolar, mas é importante pensar que isso só se dá, se estiver calçada em sólidos fundamentos. Os alunos, por sua vez, tiveram satisfação em participar do projeto, que é frequentemente lembrado por eles. Cruzar as fronteiras do tradicional mostrou ser possível dentro do sistema de ensino atual. Essa mesma conduta se fez presente na autoavaliação, até hoje empregada, substituindo a tradicional, que fornece subsídios para o professor reconhecer e se conscientizar de como as propostas são recebidas e percebidas pelos alunos e, ao mesmo tempo, de como a aula pode ser concebida, a partir da sugestão dos adolescentes.

O objetivo a que se propôs esta pesquisa foi o de buscar uma abordagem de educação musical aberta e flexível, que tivesse o adolescente como centro do pensamento, fosse subsidiada pela invenção musical, possível de ser realizada em contexto escolar e que

promovesse a consciência do ambiente acústico, sem, no entanto, se orientar por padrões tradicionais. Isso foi conseguido.

Uma educação aberta e flexível está atrelada à reflexão que se constrói a partir da prática, de concepções e conteúdos. A abordagem desta pesquisa sempre mudou de direção quando se fez necessário. Iniciou com um plano semideterminado e acabou com propostas mais abertas do que as do início da investigação. O adolescente, que inicialmente se mostrava distante, hoje é parceiro. Uma prova viva dessa mudança de relacionamento foi o carinho demonstrado pelos alunos durante o agradecimento, por parte da direção, a esta pesquisadora em um evento da escola. Como dito anteriormente, os conflitos existem, mas a maneira de percebê-los e lidar com eles mudou, pois se entende que, muitas vezes, eles são fruto de outros conflitos. A invenção foi o carro-chefe deste trabalho e esteve presente em todas as séries, durante todos os anos, concebida de diversas maneiras e aplicada sob diferentes ângulos. A criação musical mostrou-se como necessária a muitos dos jovens; é por meio dela que eles podem se expressar. Alguns dos projetos não puderam ter continuidade, em função da organização semestral das aulas, mas, mesmo com essa restrição, deram mostra de sua adequabilidade ao adolescente. Os educadores musicais escolhidos como fundamento teórico foram os grandes conselheiros que auxiliaram a realização desta empreitada.

Ainda dentro dos objetivos, a percepção do ambiente acústico, intensamente trabalhada, e, de maneira especial, no 6º ano, revela ser uma necessidade escolar. O projeto consegue resultados significativos, mas, devido ao fato de a escola ter uma movimentação constante de alunos que entram e saem, é preciso que a questão seja frequentemente abordada. O ambiente silencioso não é um costume nas escolas, por isso, carece de um olhar crítico por parte da gestão administrativa e do corpo docente. Aliás, a micro-sociedade da escola reflete o mundo de hoje, em que, também, se sofre com os excessos do ruído ambiental e suas consequências. Hoje, a pesquisadora conseguiu chamar a atenção da equipe de direção e coordenação, que apoiam as investidas nessa área, o que é fruto de intensas conversas e argumentações a respeito da relevância do tema. Mas se tem consciência de que esse diálogo precisa ser constantemente alimentado.

Os dispositivos audiovisuais, parte da cultura jovem, serviram, muitas vezes, para o desenvolvimento de atividades. Para que isso se desse, diversas ferramentas foram pesquisadas na *internet*, as quais tiveram a aceitação dos alunos, embora as respostas não fossem iguais; alguns mostraram mais receptividade a elas, outros menos. Em relação a essa

questão, acredita-se que não se trata de ser contra ou a favor dos meios audiovisuais. Toda ferramenta, toda descoberta pode ser utilizada para o bem ou para o mal, depende de quem a usa, e não é diferente com os meios de comunicação. Acredita-se que o professor precise aprender a usar esses dispositivos a seu favor.

Os sons da música contemporânea, tão rejeitados no início deste trabalho, hoje, têm mais aceitação por parte dos alunos, porque se partiu, primeiro, do som comum ao adolescente – um *rap* que acabou se tornando uma criação de sons corporais, um programa de televisão que serviu de inspiração para desafio de jogos criativos, antes de se trabalhar pela ampliação do repertório ouvido e da possibilidade de escuta crítica. A música brasileira, pouco presente na vida da maior parte dos jovens, por exemplo, a partir de entrevistas por eles realizadas, acabou ganhando o interesse dos alunos de 7º ano, pois fazia parte do trato ouvir o que havia sido coletado.

Foi a compreensão do todo que conduziu à compreensão das partes e foi a percepção das partes, por sua vez, que levou a entender o todo. Muito foi aprendido durante a pesquisa, em que, muitas vezes, o mestre foi o aluno, mas muito há, ainda, que se aprofundar, melhorar e transformar.

Ao longo dos anos dedicados a este trabalho, não houve nada mais valioso do que o sorriso e o olhar sincero do adolescente, ao se reconhecer como parte ativa do processo. É certo que o carinho de uma criança é inigualável, mas o reconhecimento de um jovem não tem preço. O adolescente é consciente e crítico, ganhar sua atenção é como a resolução de um trítone que almeja o término da tensão. O ritmo de sua fala, o som de seu comportamento, o timbre de sua percepção, constituem as melodias que encontrarão acolhida na mente de um professor que acredita em seu instrumento musical e, com ele forma um dueto, um quinteto, um madrigal ou, mesmo, uma orquestra. Aluno e professor serão, juntos, maestro, intérpretes e cocriadores de suas composições

Como no entre-meio, bordado em que se consegue ver o que está por baixo, por cima e dos lados, assim foi a caminhada com os jovens, e que deixa ver, em suas tramas, ora o olhar do professor, ora o olhar do aluno e, por vezes, um terceiro olhar, formado a partir do diálogo entre esses múltiplos elementos, que fazem dessa trama um conjunto de três dimensões, que coabitam o mesmo tecido – o professor/aluno, o aluno/professor e a constante e ativa dialogicidade.

Muito foi conseguido, mas muito ainda está para ser feito. Este trabalho termina, mas a pesquisa continua, assim como continua a caminhada do homem que traz, em tudo o que faz, aspectos de suas experiências anteriores, de sua cultura, de sua formação, de sua existência *'y al volver la vista atrás, se ve la senda que nunca, se ha de volver a pisar* (MACHADO, 1979) Por isto tudo, ter pensado o tudo É o ter chegado deliberadamente a nada (PESSOA, 1934).

Apesar de se ter conseguido resultados positivos, sabe-se que o processo aqui desenvolvido não servirá de modelo a outras situações. Os alunos são específicos, a comunidade é específica e o momento também é específico a esta investigação. O que emerge dela é a transformação desta educadora-pesquisadora e aprendiz, que passados os momentos de perturbação e construção experienciados, é hoje capaz de receber a complexidade dos fenômenos e percebê-los como alimento a caminhos desconhecidos. Assim como na natureza, nada se repete, nada se perde, mas tudo se transforma, o ser humano também se concretiza, se recicla e se processa na relação de interdependência entre ele e a comunidade, seja ela familiar, escolar, social ou planetária. A educação concebida segundo esse princípio de parceria, de interação, de processo inacabado, constitui-se como um fluxo de recursos de transformação e revitalização dos que se deixam por ela se envolver.